





A RAPARIGA DE ANTES

Titulo original: *The Girl Before*

Copyright © 2017 por JP Delaney

Todos os direitos reservados

Esta edição é publicada por acordo com Ballantine Books,
uma chancela de Random House, uma divisão de
Penguin Random House LLC

© desta edição:

2017, Penguin Random House

Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 – Sala 3.6

1069-152 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

1.ª edição: Abril 2017

ISBN: 978-989-665-202-9

Depósito legal: 421443/17

Tradução: Ester Cortegano

Revisão: Rui Azeredo e Laurinda Brandão

Paginação: Vítor Miranda

Capa: adaptação de Pedro Aires Pinto

Fotografia da capa © Carlos Beltran/Gallery Stock

Suma de Letras é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.



JP Delaney

A RAPARIGA DE ANTES

Tradução de
ESTER CORTEGANO







1. Por favor, faça uma lista de todos os bens que considera essenciais à sua vida.





ANTES: **EMMA**

O apartamento é pequeno mas muito bonito, diz o agente imobiliário num tom que quase parece de genuíno entusiasmo. Perto de tudo. E tem um espaço privado no telhado. Podem fazer dessa zona um terraço, desde que, como é evidente, peçam autorização ao senhorio.

É agradável, concorda Simon, tentando não cruzar o olhar com o meu. Eu percebi que o apartamento não servia assim que entrei e vi aquela faixa de telhado com quase dois metros por baixo de uma das janelas. Si também o sabe, mas não quer dizer ao agente ou, pelo menos, não quer fazê-lo já porque pode parecer falta de cortesia. Talvez tenha esperança de que eu acabe por ceder se ouvir a estúpida tagarelice do homem durante tempo suficiente. O agente é daqueles tipos de quem Simon gosta: esperto, bem-falante, entusiástico. Provavelmente, lê as revistas para as quais Simon trabalha. Estavam a falar de desporto ainda antes de subirmos as escadas.

E aqui têm um quarto com um tamanho bastante razoável, diz o agente. Com amplas...

Não vale a pena, interrompo, acabando com a farsa. Não é disto que estamos à procura.

O agente arqueia as sobrancelhas. É melhor não ser demasiado esquisita neste mercado, diz. Isto vai desaparecer ainda antes do fim do dia. Cinco visitas hoje, e ainda nem sequer está no nosso *site*.

Não é suficientemente seguro, digo, num tom seco. Vamos embora?

Todas as janelas têm trancas, realça ele, e uma *Chubb* na porta. E pode instalar um alarme se estiver particularmente preocupada com a segurança. Creio que o senhorio não irá colocar nenhuma objecção.

Fala para Simon, que se encontra atrás de mim. *Particularmente preocupada*. Mais valia ter dito logo, *Ah, já percebi que a namorada é um bocadinho histérica, não é?*

Eu espero lá fora, digo, voltando-me para sair.





Percebendo que cometeu um erro, o agente acrescenta, Se têm problemas com a zona, talvez devessem procurar um pouco mais para oeste.

Já procurámos, responde Simon. Tudo fora do nosso orçamento. Tirando os apartamentos do tamanho de uma caixa de fósforos.

Está a tentar impedir que a frustração transpareça na sua voz, mas o facto de precisar de o fazer irrita-me ainda mais.

Há um T1 em Queens Park, observa o agente. Não é tão bom quanto este, mas...

Já o vimos, diz Simon. Chegámos à conclusão de que ficava demasiado perto daquele bairro. O seu tom deixa claro que aquele *chegámos* significa *ela chegou*.

Ou então há um terceiro andar mesmo à entrada de Kilburn...

Esse também. Tem um cano que passa mesmo ao lado de uma das janelas.

O agente parece confuso.

Alguém podia subir por ali, explica Simon.

Certo. Bem, a temporada de arrendamento ainda agora começou. Talvez se esperarem algum tempo.

É evidente que o agente chegou à conclusão de que somos um desperdício de tempo: também ele se dirige para a saída. Eu fico parada à porta, no patamar, para não o deixar aproximar-se de mim.

Já avisámos que vamos deixar o nosso antigo apartamento vago, ouço Simon dizer. Estamos a ficar sem opções. Baixa a voz. Ouça, amigo, fomos assaltados. Há cinco semanas. Dois homens entraram e ameaçaram a Emma com uma faca. É por isso que está um pouco nervosa.

Ah, exclama o agente. Merda. Se alguém fizesse isso à minha namorada, não sei o que faria. Olhe, isto é capaz de ser um tiro no escuro, mas... A sua voz desvanece-se.

Sim?, pergunta Simon.

Já alguém no escritório lhe falou do n.º 1 de Folgate Street?

Acho que não. Acabou de ficar disponível?

Não propriamente, não.

O agente parece não saber se há-de ou não continuar a conversa.





Mas está disponível?, insiste Simon.

Tecnicamente, sim, diz o agente. E é uma propriedade fantástica. Absolutamente fantástica. Pertence a um outro campeonato. Mas o senhorio... dizer que é *picuinhas* seria um eufemismo.

Qual é a zona?, pergunta Simon.

Hampstead, diz o agente. Bem, mais propriamente, Hendon. Mas é muito sossegado.

Em?, chama Simon.

Volto a entrar. Podemos ir dar uma vista de olhos, digo. Já estamos a meio caminho.

O agente anui. Tenho de passar pelo escritório para ver se consigo recolher os dados todos, diz. Na verdade, há algum tempo que não mostro aquele sítio a alguém. Não é um espaço que se adequa a qualquer pessoa. Mas acho que pode ser mesmo a vossa onda.



AGORA: JANE

— Este era o último. — A agente, cujo nome é Camilla, tamborila com os dedos no volante do seu *Smart*. — Por isso, bom, está na hora de nos decidirmos.

Suspiro. O apartamento que acabámos de ver, num quarteirão de antigas mansões decrépitas perto de West End Lane, é o único dentro do meu orçamento. E estava prestes a persuadir-me de que servia — se ignorasse o papel de parede a descascar, o vago cheiro dos cozinhados de outra pessoa a infiltrar-se do andar de baixo, o quarto acanhado e o bolor a crescer na casa de banho sem ventilação — quando ouço um sino a tocar ali perto, um antiquado sino de mão, e o local se enche de repente com o barulho de crianças. Vou à janela e dou por mim a olhar para uma escola. Consigo ver uma sala, ocupada por crianças com cerca de dois anos, e as janelas decoradas com recortes de coelhinhos e gansos de papel. A dor comprime-me as entranhas.

— Acho que não — consigo dizer.

— A sério? — Camilla parece surpreendida. — É por causa da escola? Os antigos inquilinos diziam que gostavam bastante de ouvir as crianças a brincar.

— Mas não ao ponto de decidirem ficar. — Viro as costas. — Vamos?

Agora Camilla mergulha num longo silêncio tático enquanto conduz de regresso ao escritório. Por fim, diz:

— Se não lhe agradou nada do que vimos hoje, talvez seja melhor pensar em aumentar o seu orçamento.

— Infelizmente, o meu orçamento não pode aumentar — digo secamente, olhando pela janela.

— Então talvez tenha de ser um pouco menos exigente — diz, cortante.

— Sobre aquele último. Tenho... razões pessoais para não conseguir viver junto a uma escola. Neste momento.





Vejo-a olhar para a minha barriga, ainda um pouco flácida devido à gravidez, e arregalar os olhos quando estabelece a ligação.

— Oh — exclama. Camilla não é tão obtusa quanto parece, facto pelo qual me sinto grata. Não precisa que eu fale.

Em vez disso, parece tomar uma decisão.

— Ouça, há uma outra casa. Não devíamos mostrá-la sem o consentimento expresso do proprietário mas, de vez em quando, mostramo-la na mesma. Um bocado assustadora para algumas pessoas mas, pessoalmente, acho-a fantástica.

— Uma casa fantástica dentro do meu orçamento? Não estamos a falar de um barco-casa, pois não?

— Céus, não. Quase o oposto. Um edifício moderno em Hendon. Uma casa... só tem um quarto, mas montes de espaço. O dono é o arquitecto que a concebeu. Por acaso, bastante famoso. Alguma vez comprou roupa na Wanderer?

— Wanderer... — Há algum tempo, quando tinha dinheiro e um trabalho a sério e bem pago, por vezes ia à Wanderer em Bond Street, um espaço tremendamente minimalista onde uma mão-cheia de vestidos demasiado caros são expostos em grossas lajes de pedra, como virgens sacrificiais, e as vendedoras usam quimonos pretos. — De vez em quando. Porquê?

— É a Monkford Partnership que concebe todas as suas lojas. O arquitecto é aquilo a que chamam tecno-minimalista, ou algo do género. Montes de engenhocas escondidas mas, de resto, tudo totalmente despido. — Olha para mim. — Tenho de avisar que algumas pessoas consideram o seu estilo um bocado... *austero*.

— Acho que vivo bem com isso.

— E...

— Sim? — incito-a a continuar.

— Não é um contrato habitual entre senhorio e inquilino — diz, hesitante.

— Ou seja?

— Eu acho — continua, ligando o pisca e passando para a faixa da esquerda — que devíamos primeiro dar uma vista de olhos à propriedade, para ver se se apaixona por ela. Depois explico os inconvenientes.





ANTES: **EMMA**

Okay, a casa é extraordinária. Fantástica, incrível, de tirar o fôlego. Não há palavras que lhe façam justiça.

Tendo em conta a rua onde está, ninguém diria. Duas fileiras de grandes casas incaracterísticas, com aquela habitual combinação vitoriana de tijolo vermelho e janelas de guilhotina que se vê por todo o Norte de Londres, alinhavam-se colina acima na direcção de Cricklewood como uma sucessão de figuras recortadas de um jornal, cada uma das quais a cópia exacta da seguinte. Apenas as portas principais e as pequenas janelas coloridas por cima eram diferentes.

No final, ao canto, havia uma vedação. Ao longe vi uma pequena construção baixa, um cubo compacto de pedra clara. Algumas fendas horizontais de vidro, aparentemente abertas ao acaso, eram a única indicação de que se tratava mesmo de uma casa e não de uma espécie de pisa-papéis gigante.

Uau, exclama Simon, desconfiado. É mesmo isto?

É mesmo isto, diz o agente, animado. N.º 1 de Folgate Street.

Leva-nos para um dos lados, onde uma porta foi embutida na parede, perfeitamente alinhada. Não parece haver campainha — de facto, também não vejo maçaneta nem caixa de correio; não há uma placa, nada que indique qualquer presença humana. O agente empurra a porta, que se abre de imediato.

Quem vive aqui agora?, pergunto.

De momento ninguém, responde, desviando-se para nos deixar entrar.

Então, porque é que a porta não estava trancada?, pergunto, nervosa, deixando-me ficar para trás.

O agente sorri. Estava sim, diz. Tenho uma chave digital no meu *smartphone*. É uma aplicação que controla tudo. A única coisa que tenho de fazer é passar de Desocupado para Ocupado. Depois é tudo automático — os sensores da casa captam o código





e deixam-me entrar. Se usar uma pulseira digital, nem sequer preciso do telemóvel.

Está a *gozar comigo*, diz Simon, estupefacto, a olhar para a porta. Quase solto uma gargalhada com a sua reacção. Para Simon, que adora engenhocas, a ideia de uma casa que se pode controlar a partir do telemóvel é como todos os seus melhores presentes de aniversário embrulhados num só.

Entro para um *hall* minúsculo, pouco maior do que um armário. É demasiado pequeno para me sentir à vontade quando o agente me segue, por isso, sem esperar para ser convidada, continuo a andar.

Desta vez sou eu que exclamo, Uau. É mesmo espectacular. Janelas enormes, com vista para um jardim minúsculo e um grande muro de pedra, inundam o interior de luz. Não é uma casa grande mas parece espaçosa. As paredes e o chão são todos feitos da mesma pedra clara. O rodapé ao longo da parte inferior das paredes dá a sensação de que flutuam. E está vazia. Não por mobilar — vejo uma mesa de pedra numa divisão a um lado, algumas cadeiras de *design* muito bonitas, um sofá comprido e baixo forrado com um tecido creme grosso — mas não há mais nada, nada que chame a atenção. Nem portas, nem armários, nem quadros, nem molduras nas janelas, nem tomadas eléctricas à vista, nem candeeiros, nem — olho em volta, perplexa — sequer interruptores de luz. E, embora não pareça um local abandonado ou sem vida, não há o mínimo vestígio de desorganização.

Uau, exclamo de novo. A minha voz denota uma estranha tonalidade abafada. Apercebo-me de que não ouço qualquer ruído vindo da rua. O omnipresente ruído de fundo londrino de trânsito e andaimas a serem montados e alarmes de carros desapareceu.

É o que a maior parte das pessoas diz, concorda o agente. Não quero ser chato, mas o senhorio insiste que tiremos os sapatos. Importam-se...?

Baixa-se para desapertar os seus sapatos vistosos. Imitamo-lo. E depois, como se o puro e duro vazio da casa lhe tivesse sugado todo o palavreado, limita-se a percorrê-la de meias, aparentemente tão estupefacto quanto nós enquanto olhamos à nossa volta.





AGORA: JANE

— É linda — digo. Por dentro, a casa é tão elegante e perfeita como uma galeria de arte. — Simplesmente *linda*.

— É, não é? — concorda Camilla. Estica o pescoço para olhar para as paredes nuas, feitas de uma pedra creme com um ar dispendioso, que se erguem até ao vão do telhado. O acesso ao andar superior faz-se pela escadaria mais loucamente minimalista que alguma vez vi. É como se fosse algo escavado na face de um penhasco: degraus flutuantes de pedra aberta, não polida, sem corrimão ou qualquer outro meio de apoio. — Por mais vezes que aqui venha, fico sempre sem fôlego. A última vez foi com um grupo de estudantes de arquitectura. Aliás, essa é uma das condições: Tem de abrir a casa a visitas de seis em seis meses. Mas sempre foram muito respeitadores. Não é como ter uma daquelas casas senhoriais e receber turistas que atiram pastilhas elásticas para a carpete.

— Quem vive aqui agora?

— Ninguém. A casa está vazia há quase um ano.

Olho para a sala seguinte, se é que *sala* é a palavra certa para um espaço aberto que não tem sequer uma ombreira, quanto mais uma porta. Numa mesa de pedra comprida está um jarro de túlipas, e os seus botões vermelho-sangue são uma chocante pincelada de cor que contrasta com toda aquela pedra clara.

— Então, de onde vêm as flores? — Toco na mesa. Não tem pó. — E quem mantém isto tão limpo?

— Vem uma empresa de limpeza todas as semanas. Essa é outra condição: tem de manter a mesma empresa. São também eles que tratam do jardim.

Dirijo-me para a janela, que chega até ao chão. *Jardim* também não é o nome apropriado. Na verdade, é mais um pátio: um espaço fechado com cerca de seis por quatro metros, pavimentado com a mesma pedra do chão onde me encontro. Um pequeno rectângulo





de relva, estranhamente precisa e aparada tão curta como uma alcatifa, que termina no muro da frente. Não há flores. De facto, além daquele minúsculo ponto de relva, não há nada vivo, nenhum apontamento de cor. Os pequenos círculos de gravilha cinzenta são a única outra característica.

Voltando para o interior, ocorre-me que todo aquele espaço apenas precisa de um pouco de cor, alguma suavidade. Alguns tapetes, uns toques humanizadores, e seria verdadeiramente bonito, como algo saído de uma revista de decoração. Sinto, pela primeira vez em séculos, um pequeno frémito de excitação. Estará a minha sorte finalmente a mudar?

— Bem, parece-me razoável — digo. — É tudo?

Camilla sorri, hesitante.

— Quando digo que é *uma* das condições, refiro-me a uma das mais simples. Sabe o que é uma cláusula restritiva?

Abano a cabeça.

— É uma cláusula legal que onera perpetuamente uma propriedade, algo que não pode ser afastado mesmo que a casa seja vendida. Normalmente, tem a ver com o fim a que se destina — se uma casa pode ou não ser usada para fins comerciais, esse tipo de coisa. No caso desta casa, as condições fazem parte do contrato de arrendamento mas, como também são restritivas, não podem ser negociadas nem alteradas. É um contrato extremamente rígido.

— De que espécie de cláusulas estamos a falar?

— Basicamente, é uma lista do que pode ou não fazer. Bem, principalmente, do que não pode. Nenhuma alteração de qualquer tipo, excepto com consentimento prévio. Nada de tapetes ou carpetes. Nada de quadros. Nada de plantas em vasos. Nada de ornamentos. Nada de livros...

— Nada de *livros*! Isso é ridículo!

— Não pode plantar nada no jardim; não pode pendurar cortinas...

— Como impedimos a luz de entrar se não podemos colocar cortinas?

— As janelas são fotossensíveis. Escurecem quando o céu escurece.



- Então, nada de cortinados. Mais alguma coisa?
- Ah, pode crer — diz Camilla, ignorando o meu tom sarcástico. — Ao todo, há cerca de duas centenas de cláusulas. Mas é a última que dá origem à maior parte dos problemas.





ANTES: **EMMA**

... Não pode colocar mais luzes além das que estão instaladas, diz o agente. Não pode ter estendal. Não pode ter cestos para os papéis. Não pode fumar. Não pode usar bases para os copos nem individuais na mesa. Não pode ter almofadas, objectos decorativos ou móveis para montar...

Isso é uma *loucura*, diz Si. O que lhe dá esse direito?

Ele demorou várias semanas a montar a mobília da IKEA que está no nosso apartamento e, em resultado disso, olha para ela com o mesmo orgulho pessoal com que olharia para um pedaço de madeira esculpida com as suas próprias mãos.

Eu disse-lhe que iria ser complicado, responde o agente, encolhendo os ombros.

Olho para o tecto. Por falar em luzes, pergunto, como as acendemos?

Não as acende, responde o agente. Sensores de movimento ultra-sónicos. Ligados a um detector que ajusta o nível de acordo com a escuridão do exterior. É a mesma tecnologia que faz com que os faróis do seu carro se acendam à noite. Depois só tem de escolher na aplicação o ambiente que deseja. Produtivo, Pacífico, Animado, e assim por diante. Até aumenta a radiação ultravioleta no Inverno, para não se ficar deprimido. Sabe o que é, como aquelas luzes para a depressão sazonal.

Percebo que Simon está tão impressionado que o direito do arquitecto de lhe vedar o uso de mobília para montar deixou, subitamente, de ser um problema.

O aquecimento é por piso radiante, como é óbvio, continua o agente, sentindo que está no bom caminho. Mas extrai o calor directamente de um furo por baixo da casa. E todas as janelas têm vidro triplo. A casa é tão eficiente que, na verdade, devolve energia à rede nacional. Nunca mais irá pagar a conta de aquecimento.





Isto é como alguém a recitar pornografia para Simon. E a segurança?, pergunto bruscamente.

Tudo no mesmo sistema, diz o agente. Não o consegue ver, mas há um alarme contra intrusos embutido na parede exterior. Todas as divisões têm sensores — os mesmos que acendem as luzes. E o sistema é inteligente. Aprende quem vocês são e qual é a vossa rotina habitual, mas se se tratar de outra pessoa irá confirmar convosco para ter a certeza de que tem autorização para entrar.

Em?, chama Simon. Tens *mesmo* de vir ver esta cozinha.

Deambula pelo espaço ao lado, o que tem a mesa de pedra. De início não percebo como o identificou como uma cozinha. Um balcão de pedra ocupa uma parede. Numa ponta está aquilo que suponho seja uma torneira, um tubo de aço fino que se projecta por cima da pedra. Uma pequena concavidade por baixo sugere que pode ser um lava-louça. Na outra extremidade, vê-se uma fileira de quatro pequenos buracos. O agente acena com a mão por cima de um deles. De imediato, surge uma chama viva e sibilante.

Ta-aaa, canta. O fogão. E, já agora, o arquitecto prefere a palavra *refeitório* a *cozinha*. Sorri como que para mostrar que percebe como o que acabou de dizer é estúpido.

Agora que observo mais de perto, vejo que alguns dos painéis da parede têm minúsculas ranhuras entre eles. Empurro um e a pedra abre-se — *não com um clique mas com um lento suspiro pneumático. Por trás há um pequeníssimo louceiro.*

Vou mostrar-vos o andar de cima, diz o agente.

A escadaria consiste numa série de lajes de pedra incrustadas na parede. Não é seguro para as crianças, como é evidente, avisa enquanto sobe à nossa frente. Atenção onde colocam os pés.

Deixe-me adivinhar, diz Simon. Corrimões e portões nas escadas também estão na lista de proibições?

E animais de estimação, diz o agente.

O quarto é tão espartano como o resto da casa. A cama é embutida — um plinto de pedra clara com um colchão parecido com um futon enrolado — e a casa de banho não é fechada, apenas está escondida atrás de outra parede. Mas, enquanto o vazio do andar de baixo era avassalador e frio, aqui em cima é calmo, quase acolhedor.





É como uma cela de luxo de uma prisão, comenta Simon.

Como eu disse, não é para o gosto de qualquer pessoa, concorda o agente. Mas, para a pessoa certa...

Simon pressiona a parede junto à cama e abre-se outro painel. Lá dentro há um roupeiro. Mal tem espaço para uma dúzia de peças de roupa.

Uma das regras é que não pode haver nada no chão em momento algum, diz o agente. Tudo tem de estar arrumado.

Simon franze o sobrolho. Como é que eles iriam saber?

As inspecções regulares estão contempladas no contrato. Além disso, se alguma das regras for violada, a empregada de limpeza tem de informar a administração.

Nem pensar, diz Simon. Isto é regressar à escola. Não quero ter uma pessoa a ralhar comigo por não apanhar as camisas sujas.

Apercebo-me de algo. Ainda não tive um único momento de *flashback* ou ataque de pânico desde que entrei nesta casa. Está tão isolada do mundo lá fora, tão *enclausurada*, que me sinto completamente segura. Uma citação do meu filme preferido ecoa na minha cabeça. *O silêncio e o olhar de orgulho dele. Nada de mau te poderá acontecer ali.*

Quero dizer, não há dúvida de que é fantástico, continua Simon. E, se não fossem todas as regras, provavelmente estaríamos interessados. Mas nós somos pessoas desarrumadas. O lado da cama da Em parece uma bomba que explodiu numa loja de roupa.

Bem, nesse caso, diz o agente, acenando com a cabeça.

Eu gosto, digo impulsivamente.

Gostas? Simon parece surpreso.

É diferente, mas... faz algum sentido, não faz? Se tivesses construído algo semelhante, num local incrível, não irias querer que fosse habitado como deve ser, da maneira como o concebeste? Senão, qual é o objectivo? E é mesmo fantástica. Nunca vi uma casa igual, nem sequer em revistas. Se o preço a pagar para vivermos num sítio destes é sermos arrumados, nós *podemos* sê-lo, não podemos?

Bem... ótimo, diz Simon, hesitante.

Também gostas?, pergunto.

Se tu gostas, eu adoro, responde.





Não, replico, mas gostas mesmo? Seria uma grande mudança. Não quero que o façamos se tu não quiseres mesmo.

O agente observa-nos, divertido a ver como o nosso pequeno debate se desenrola. Mas é sempre assim connosco. Eu tenho uma ideia, e depois Simon pensa nela e acaba por anuir.

Tens razão, Em, diz Simon lentamente. É muito melhor do que qualquer outro sítio onde possamos viver. E se é começar de novo que queremos... bem, esta é uma mudança muito maior do que se nos mudássemos para outro apartamento normal, não é?

Vira-se para o agente. Então, o que fazemos agora?

Ah, diz o agente. Esta é a parte mais complicada.





AGORA: JANE

— E esse último requisito, qual é?

— Apesar de todas as restrições, ficaria espantada se soubesse quantas pessoas continuam a querer viver aqui. Mas o último obstáculo é que o próprio arquitecto tem o direito de veto. Com efeito, ele tem de aprovar o inquilino.

— Pessoalmente?

Camilla acena com a cabeça.

— Se se chegar a esse ponto. Há um extenso formulário de candidatura. E, claro, tem de assinar uma declaração a dizer que leu e compreendeu as regras. Se for bem-sucedida, será convidada para uma entrevista presencial que pode ser em qualquer lugar do mundo. Nos últimos anos, isso significava o Japão — ele construiu um arranha-céus em Tóquio. Mas agora já está de novo em Londres. Porém, normalmente nem se dá ao trabalho de fazer a entrevista. Apenas recebemos um *email* a dizer que a candidatura foi rejeitada. Sem qualquer explicação.

— Que espécie de pessoas são aceites?

Ela encolhe os ombros.

— Nem no escritório conseguimos detectar qualquer padrão. No entanto, já reparámos que os estudantes de arquitectura nunca passam. E não é preciso já ter vivido num sítio destes. De facto, até é um inconveniente. Tirando isso, não faço a mínima ideia.

Olho em redor. Se tivesse construído esta casa, penso, que espécie de pessoa escolheria para aqui viver? Como avaliaria a candidatura de um potencial inquilino?

— Honestidade — murmuro.

— Perdão? — Camilla olha para mim, confusa.

— A conclusão a que chego acerca desta casa é que não é apenas bonita. É a dose de compromisso que envolve. Quero dizer, é inflexível, obviamente; em alguns sentidos até um pouco brutal.





Mas trata-se de alguém que investiu tudo, cada centelha de paixão que possui, na criação de algo que é cem por cento aquilo que quer que seja. Isto tem... bem, é uma palavra pretensiosa, mas tem *integridade*. Acho que procura pessoas que estejam preparadas para ser igualmente honestas na maneira como querem viver aqui.

Camilla encolhe de novo os ombros.

— Talvez tenha razão. — O seu tom sugere que duvida. — Então, quer tentar?

Sou, por natureza, uma pessoa cuidadosa. Raramente tomo decisões sem as ponderar: investigo as opções, peso as consequências, avalio os prós e os contras. Por isso, quase sou apanhada de surpresa quando me ouço dizer:

— Sim. Sem dúvida.

— Ótimo. — Camilla não parece surpreendida, mas quem não quereria viver numa casa como esta? — Vamos ao escritório para ir buscar a documentação de candidatura.



ANTES: **EMMA**

1. *Por favor, faça uma lista de todos os bens que considera essenciais à sua vida.*

Pego na caneta e, em seguida, pouso-a. Uma lista de tudo o que quero manter levaria a noite inteira. Mas depois penso um pouco mais e aquela palavra, *essenciais*, parece levitar da página na minha direcção. O que é verdadeiramente essencial? A minha roupa? Desde o assalto que praticamente vivo dentro dos mesmos dois pares de calças de ganga e de uma velha camisola largueirona. Há alguns vestidos e saias que quero levar, claro; alguns casacos bonitos, os meus sapatos e botas, mas não iria sentir a falta de mais nada. As nossas fotografias? Estão todas guardadas *online*. As poucas jóias com valor foram levadas pelos assaltantes. A nossa mobília? Não há uma única peça que não pareça foleira e deslocada no n.º 1 de Folgate Street.

Ocorre-me que a questão foi formulada desta maneira deliberadamente. Se me tivessem pedido para fazer uma lista do que poderia dispensar, nunca teria conseguido responder. Mas colocando na minha cabeça o pensamento de que, na verdade, nada é importante, dou por mim a perguntar-me se posso livrar-me de todas as minhas coisas, a minha *tralha*, como uma pele velha.

Talvez seja esse o verdadeiro objectivo de As Regras, como já lhes chamamos. Talvez não se trate apenas de um arquitecto maníaco pelo controlo que tem medo que lhe estraguemos a sua linda casa. Pode ser uma espécie de experiência. Uma experiência de vida.

O que, suponho, faria de mim e de Si as suas cobaias. Mas na verdade não me importo com isso. Eu *quero* realmente mudar quem sou — quem somos — e sei que não o consigo sem alguma ajuda.

Especialmente quem *nós* somos.

Eu e Simon estamos juntos desde o casamento de Saul e





Amanda, há catorze meses. Conhecia-os do trabalho, mas são um pouco mais velhos do que eu e, além dos noivos, não conhecia muitas pessoas ali presentes. Simon era o padrinho de Saul, o casamento foi lindo e romântico e houve uma química imediata. A bebida e a conversa deram lugar aos *slows* na pista de dança e à troca de números de telemóvel. E depois, mais tarde, descobrimos que estávamos hospedados no mesmo B&B e, bem, uma coisa conduziu à outra. No dia seguinte, pensei, *O que foi que eu fiz?* Claramente, aquele não passaria de outro caso impulsivo de uma noite e nunca mais voltaria a vê-lo, o que me faria sentir rasca e usada. Mas, de facto, aconteceu o contrário. Si ligou assim que chegou a casa, e de novo no dia seguinte, e pelo final da semana éramos namorados, para grande espanto dos nossos amigos. Em particular os *dele*. Ele trabalha num ambiente muito masculino e pândego, onde ter namorada é quase um defeito. No género de revista para a qual Si escreve, as raparigas são «miúdas», ou «boas», ou «giraças». As páginas são preenchidas com fotografias da C&S — cuecas e sutiãs —, embora os artigos sejam sobretudo acerca de *gadgets* e tecnologia. Se o artigo for sobre telemóveis, por exemplo, há uma fotografia de uma rapariga em roupa interior a segurar um telemóvel. Se o tema forem os portáteis, ela está na mesma em roupa interior mas com óculos e a escrever no teclado. Se for acerca de roupa interior, provavelmente não a usa mas segura-a como se tivesse acabado de a despir. Sempre que a revista organiza uma festa as modelos aparecem vestidas praticamente como figuram na revista, e depois as fotografias da festa também são publicadas. Não é a minha onda, para dizer o mínimo, e no início da nossa relação Simon referiu que também não era a cena dele — uma das razões por que gostava de mim, disse, era por eu não ser como aquelas raparigas, porque sou uma mulher «real».

Quando se conhece alguém num casamento, há algo que acelera os primeiros tempos da relação. Simon convidou-me para ir viver com ele poucas semanas depois de começarmos a sair. Também isso surpreendeu as pessoas — em geral, é a rapariga que pressiona o rapaz porque quer casar ou passar simplesmente à etapa seguinte. Mas connosco foi sempre ao contrário. Talvez porque Simon é um pouco mais velho do que eu. Sempre me disse que, assim





que me viu, soube que era a tal. Gostei disso nele — a forma como sabia o que queria, e o que ele queria era eu. Mas, na realidade, nunca me perguntei se era o que queria fazer, se ele significava para mim o mesmo que, não havia dúvida, eu significava para ele. E, nos últimos tempos, com o assalto e a decisão de sair do seu antigo apartamento e procurarmos um sítio novo, comecei a perceber que estava na altura de tomar uma decisão. A vida é demasiado curta para ser passada no relacionamento errado.

Se é isso que isto é.

Penso um pouco mais no assunto, a morder inconscientemente a ponta da minha caneta até esta se estilhaçar e os pedaços de plástico aguçado me encherem a boca. Um mau hábito que tenho, além de roer as unhas. Talvez o perca em Folgate Street. Talvez a casa me transforme numa pessoa melhor. Talvez traga ordem e disciplina ao caos da minha vida. Vou transformar-me numa pessoa que estabelece objectivos, elabora listas, leva as coisas até ao fim.

Regresso ao formulário. Decido dar uma resposta à pergunta o mais curta possível para provar que percebi, que me encontro sintonizada com o que o arquitecto está a tentar fazer.

E depois percebo qual é a resposta certa.

Deixo o espaço da resposta completamente em branco. Tão em branco e vazio e perfeito como o interior do n.º 1 de Folgate Street.

Mais tarde, entrego o formulário a Simon e explico o que fiz. Ele diz, Mas, então, e as *minhas* coisas, Em? Então e A Colecção?

«A Colecção» é um sortido heterogéneo de recordações da NASA que ele junta meticulosamente há anos, a maior parte em caixas debaixo da cama. Talvez pudesse ir para um armazém, sugiro, dividida entre o divertimento por estarmos a debater se uns pedaços de tralha, assinados por Buzz Aldrin ou Jack Schmitt e comprados no *eBay*, nos irão impedir de viver na casa mais incrível que alguma vez vimos e a indignação por Simon pensar seriamente que os seus astronautas são mais importantes do que aquilo que aconteceu comigo. Sempre disseste que querias viver numa casa a sério, digo.





Um cubículo em CubeSmart¹ não era propriamente o que tinha em mente, amor, diz.

Respondo: São apenas objectos, Si. E os objectos não importam assim tanto, pois não?

E sinto outra discussão a fervilhar, a bem conhecida raiva que começa a borbulhar à superfície. *Uma vez mais*, apetece-me gritar, *fizeste-me pensar que irias fazer uma coisa e, de novo, quando chega a hora H tentas escapar.*

Não o digo, claro. Esta raiva não me pertence.

Carol, a terapeuta que tenho consultado desde o assalto, diz que estar zangada é um bom sinal. Significa que não me sinto derrotada, ou algo do género. Infelizmente, a minha fúria é sempre direccionada para Simon. Ao que parece, também isso é normal. São as pessoas mais próximas que suportam a maior parte dos golpes.

Está bem, está bem, apressa-se Simon a dizer. A Colecção vai para um armazém. Mas pode haver outras coisas...

Já me sinto estranhamente protectora do lindo espaço em branco que deixei na resposta. Vamos livrar-nos de tudo, digo com paciência. Vamos começar de novo.

Está bem, concorda. Mas percebo que é apenas para eu não ficar zangada. Dirige-se para o lava-louça e, intencionalmente, começa a lavar todas as chávenas e pratos que deixei empilhados. Ele sabe que não o conseguirei, que não sou suficientemente disciplinada para viver um estilo de vida despojado. Atraio o caos, está sempre a dizer. Passo-me. Mas é por esta razão que quero fazê-lo. Quero reinventar-me. E o facto de o fazer com alguém que pensa que me conhece e acha que não estou à altura do desafio deixa-me irritada.

Acho que, lá, irei conseguir escrever, acrescento. Com toda aquela calma. Há muito tempo que andas a incentivar-me a escrever o meu livro.

Ele solta um grunhido, pouco convencido.

Ou talvez faça um blogue, digo.

Pondero na ideia, examinando-a de todos os ângulos. Na verdade, um blogue seria bastante fixe. Podia chamar-lhe *Eu Minimalista*.

¹ CubeSmart é uma empresa que disponibiliza unidades de armazenamento. (N. da T.)





A Minha Viagem Minimalista. Ou talvez algo ainda mais simples. *Miss Mini*.

Começo a ficar bastante excitada com a ideia. Penso em quantos seguidores poderá ter um blogue acerca de minimalismo. Talvez até atraia publicidade, desista do emprego e transforme o blogue na revista sobre estilo de vida mais vendida. Emma Matthews, a Princesa do Menos.

E fechavas os outros blogues que criei para ti, pergunta, deixando-me ressentida com a insinuação de que não levo o assunto a sério. É verdade que *Namorada Londrina* só tem oito seguidores e *Chick Lit Chick* uns meros dezoito, mas o problema é que nunca tive muito tempo para escrever conteúdo suficiente.

Regresso ao formulário de candidatura. Uma pergunta e já estamos a discutir. Ainda faltam trinta e quatro.

[...]



ANTES: **EMMA**

E depois, no dia seguinte, chega um *email*: *A sua candidatura foi aprovada.*

Não consigo acreditar — até porque o *email* não contém mais nada: nenhuma explicação acerca de quando nos podemos mudar, os seus dados bancários ou o que temos de fazer a seguir. Ligo ao agente, Mark. Agora que estou a tratar da candidatura começo a conhecê-lo melhor, e até não é tão mau quanto julguei ao princípio.

Parece genuinamente satisfeito quando lhe conto a novidade. Como a casa está vazia, diz, se quiserem podem mudar-se este fim-de-semana. Há alguma papelada para assinar e tenho de vos explicar como se instala a aplicação nos telemóveis. Mas é só isso, na verdade.

É só isso, na verdade. Começo a tomar consciência de que conseguimos. Vamos mesmo viver numa das casas mais fantásticas de Londres. Nós. Eu e Simon. Agora tudo será diferente.



3. *Vê-se envolvida num acidente de trânsito do qual sabe ser culpada. A outra condutora está confusa e pensa que foi ela que provocou a colisão. Diz à polícia que a culpa é dela ou sua?*

- A culpa é dela*
- A culpa é minha*



AGORA: JANE

Estou sentada na espartana e branca austeridade do n.º 1 de Folgate Street, muito satisfeita.

O meu olhar varre o imaculado vazio do jardim. Já descobri porque não tem flores. Inspira-se naquilo que a Internet me diz serem os *karesansui*, os jardins para meditação formal dos templos budistas. As formas são simbólicas: montanha, água, céu. É um jardim para contemplar, não para fazer crescer coisas.

Edward Monkford passou um ano no Japão depois da morte da mulher e do filho. Foi o que me levou a pesquisá-lo.

Até a Internet é diferente neste local. Depois de Camilla descarregar a aplicação para o meu telemóvel e o portátil e me entregar a pulseira especial que liga os sensores do n.º 1 de Folgate Street, ligou o *Wi-Fi* e digitou a palavra-passe. Desde então, sempre que ligo um aparelho não sou recebida pelo *Google* ou o *Safari*, mas por uma página em branco e a palavra «Governante». Só há três opções: «Casa», «Pesquisa» e «Cloud». «Casa» faz surgir o estado actual da iluminação, aquecimento e outras comodidades do n.º 1 de Folgate Street. Há quatro ambientes diferentes para escolher: Produtivo, Pacífico, Animado e Calculado. «Pesquisa» leva-me para a Internet. «Cloud» é o meu *backup* e armazenamento.

Todos os dias, o Governante sugere a roupa que devo usar com base no tempo que faz lá fora, nos meus compromissos e no que está na lavandaria. Quando como em casa, sei o que há no frigorífico, como o devo cozinhar e quantas calorias isso irá acrescentar ao meu total diário. Entretanto, a «Pesquisa» filtra publicidade, *pop-ups* que me prometem uma barriga mais lisa, notícias perturbadoras, *Top Tens*, fofocas sobre celebridades de segunda, *spam* e *cookies*. Não há favoritos, nem histórico, nem dados guardados. Fico com tudo limpo sempre que fecho o ecrã. É estranhamente libertador.





Por vezes, sirvo-me de um copo de vinho e deambulo pela casa, a tocar nos objectos, a habituar-me às texturas caras e bonitas, a colocar uma cadeira ou um vaso na posição exacta. Claro que já conhecia aquela frase de Mies van der Rohe, *Menos é mais*, mas nunca tive noção de como o *menos* pode ser sensual, como pode ser rico e voluptuoso. As poucas peças de mobiliário são clássicos do *design*: cadeiras de jantar Hans Wegner de carvalho claro, bancos brancos da Nicolle, um elegante sofá Lissoni. E a casa está equipada com uma série de outros artigos cuidadosamente escolhidos mas luxuosos — espessas toalhas brancas, lençóis de linho com uma grande quantidade de fios, copos de vinho soprados à mão com pés finos como termómetros. Cada toque é uma pequena surpresa, uma tranquila apreciação de qualidade.

Sinto-me como a personagem de um filme. Rodeando-me com tanto bom gosto, de algum modo o n.º 1 de Folgate Street faz-me caminhar com mais elegância, permanecer de pé mais direita, posicionar-me em cada espaço para obter o seu máximo efeito. Não há ninguém para me ver, claro, mas a casa em si quase parece tornar-se o meu público, preenchendo os espaços vazios com os calmos e cinemáticos acordes da *playlist* programada no Governante.

A sua candidatura foi aprovada. Era tudo o que o *email* dizia. Interpretei o facto de a reunião ter sido tão curta como uma má notícia, mas parece que Edward Monkford se inclina para a brevidade em todas as coisas. E tenho a certeza de que não imaginei aquela ligação íntima, aquele minúsculo abalo que se sente quando a atracção é recíproca. *Bem, ele sabe onde estou*, penso. A espera em si é como uma atmosfera carregada e sensual, uma espécie de preliminares silenciosos.

E depois há as flores. No dia em que me mudei, encontrei-as no degrau da porta — um enorme ramo de lírios, ainda embrulhado em plástico. Sem um bilhete, nada a indicar se aquilo é algo que faz por todos os seus novos inquilinos ou um gesto especial só para mim. De qualquer maneira, enviei-lhe os meus respeitosos agradecimentos.

Dois dias depois chega outro ramo, idêntico. E, ao fim de uma semana, um terceiro — exactamente o mesmo arranjo de lírios, colocado no mesmo sítio junto à porta principal. Cada canto do n.º 1





de Folgate Street emana o seu cheiro pesado. Mas, na verdade, começa a tornar-se excessivo.

O nome da florista está impresso no embrulho de celofane. Ligo-lhe e pergunto se é possível alterar a encomenda e enviar outra flor qualquer.

A mulher no outro lado da linha parece perplexa.

— Não consigo encontrar qualquer pedido para o n.º 1 de Folgate Street.

— Talvez esteja com o nome Edward Monkford? Ou Monkford Partnership?

— Não há nada. Na realidade, nada na sua área. A nossa loja fica em Hammersmith... não fazemos entregas tão para norte.

— Percebo — digo, perplexa. No dia seguinte, quando chegam mais lírios, pego neles com a intenção de os colocar no lixo.

E é então que o vejo — um cartão, o primeiro que é ali deixado, onde alguém escreveu:

Emma, vou amar-te para sempre. Dorme bem, minha querida.



ANTES: **EMMA**

É tão maravilhoso quanto esperávamos. Bem, como eu esperava. Simon alinha com tudo, mas percebo que ainda está renitente. Ou talvez não goste de se sentir em dívida para com o arquitecto por nos deixar viver nesta casa por pouco dinheiro.

Mas até Simon está fascinado com o chuveiro de tecto, do tamanho de um prato raso, que se liga quando abrimos a porta do duche, nos identifica pela pulseira à prova de água que nos deram para usar e se recorda da temperatura a que gostamos da água. Acordamos na nossa primeira manhã com a luz do quarto a aumentar lentamente — um nascer do sol electrónico, os barulhos da rua silenciados pelas paredes grossas e o vidro — e percebo que tive a minha melhor noite de sono desde há anos.

A mudança, claro, não demora tempo nenhum. O n.º 1 de Folgate Street já tem inúmeras coisas boas, por isso colocamos as nossas velhas tralhas, juntamente com A Colecção, na despensa.

Por vezes, sento-me nas escadas com uma chávena de café e o queixo apoiado nos joelhos, a absorver a beleza de tudo isto. Não entornes o café, fofa, diz Simon quando me vê. Começa a tornar-se uma piada constante. Concluimos que foi por ter entornado o café que ficámos com a casa.

Nunca mencionamos o facto de Monkford ter chamado arrogante a Simon, nem a sua ausência de reacção.

Feliz?, pergunta Simon, vindo sentar-se ao meu lado nas escadas.

Feliz, concordo. Maaaas...

Queres mudar-te, continua. Já te fartaste. Eu sabia.

Faço anos para a semana.

Fazes, fofa? Não me lembrava.

Está a brincar, claro. Simon dá muita importância a datas como o Dia dos Namorados ou o meu aniversário.





Porque não convidamos umas pessoas para cá virem?
Uma festa, queres dizer?
Aceno com a cabeça. No sábado.
Simon parece preocupado. E podemos fazer festas aqui?
Sem grandes confusões, respondo. Não como da última vez.
Aviso-o porque, da última vez que fizemos uma festa, três vizinhos chamaram a polícia.
Bem, então está bem, concorda, hesitante. No sábado, então.

Pelas nove da noite de sábado, a casa está apinhada. Colocámos velas nos degraus das escadas e no jardim e diminuámos a intensidade das luzes da casa. O facto de o Governante não ter um modo «Festa», de início, deixa-me um pouco preocupada. Mas verificámos As Regras e «Nada de festas» não consta da lista. Talvez se tenham simplesmente esquecido, mas, ei, uma lista é uma lista.

Como é evidente, os nossos amigos mal conseguem acreditar quando entram pela porta, embora digam muitas piadas sobre onde está a mobília e porque é que ainda não desfizemos as malas. Simon está no seu elemento — sempre gostou de causar inveja aos amigos, ter o relógio mais exclusivo, ou a última aplicação, ou o telemóvel mais fixe, e agora tem a melhor casa. Vejo-o ajustar-se a esta nova versão de si mesmo, demonstrando com orgulho como funciona o fogão, o sistema de entrada automático, as tomadas eléctricas que são apenas três minúsculas fendas na parede de pedra, e como até as gavetas embutidas debaixo da cama são diferentes do lado da mulher e do homem.

Ceguei a pensar em convidar Edward Monkford, mas Simon convenceu-me a não o fazer. Agora, enquanto o *Can't Get You Out of My Head* de Kylie ecoa por cima da multidão, percebo que ele tinha razão — Monkford iria odiar o barulho, a confusão e a dança: provavelmente inventaria outra regra de imediato e poria toda a gente na rua. Por instantes, imagino isso a acontecer — Edward Monkford a aparecer de repente, a apagar a música e a mandar todos sair — e, na verdade, a ideia agrada-me. O que é estúpido porque, afinal de contas, é a minha festa.





Simon passa por mim com as mãos cheias de garrafas e inclina-se para me beijar. Estás linda, aniversariante, diz. É um vestido novo?

Já o tenho há séculos, minto. Ele beija-me de novo. Arranjem um quarto, vocês os dois, grita Saul enquanto Amanda o puxa para a horda de dançarinos.

Há muita bebida, algumas drogas, bastante música e gritos. As pessoas saem para o minúsculo jardim para fumar e são insultadas pelos vizinhos, incomodados. Mas por volta das três da manhã todos começam a sair. Saul passa vinte minutos a tentar convencer-me e a Simon a irmos a uma discoteca, mas, apesar de ter feito umas linhas, sinto-me exausta, Simon diz que está demasiado bêbado e, por fim, Amanda leva Saul para casa.

Vem para a cama, Em, diz Simon depois de todos saírem.

Dá-me só um minuto, peço. Estou demasiado cansada para me mexer.

Cheiras tão bem, linda, sussurra, roçando a cara no meu pescoço. Vamos para a cama.

Si, digo, hesitante.

Sim?, pergunta.

Acho que não quero ter sexo esta noite. Desculpa.

Ainda não aconteceu desde o assalto. Nunca falámos do assunto. É algo que não podemos evitar.

Disseste que aqui tudo iria ser diferente, diz ele calmamente.

E vai ser, respondo. Mas ainda não.

Claro, exclama. Não há pressa, Em. Não há qualquer pressa.

Mais tarde, quando estamos deitados lado a lado na escuridão, ele pergunta baixinho, Lembras-te de quando baptizámos os Jardins Belfort?

Foi um desafio idiota que nos propusemos: fazer amor em todas as divisões antes do fim da primeira semana.

Ele não diz mais nada. O silêncio prolonga-se e acabo por adormecer.



AGORA: JANE

Convido alguns amigos para almoçar, um pequeno grupo para conhecer a minha casa. Mia e Richard trazem os filhos, Freddie e Martha, e Beth e Pete vêm com Sam. Conheço Mia desde Cambridge, é a minha amiga mais antiga e a mais próxima. Sei coisas acerca dela que nem o marido sabe, como o facto de, em Ibiza, pouco antes do casamento, ter dormido com outro homem e quase ter cancelado tudo, ou que ponderou fazer um aborto quando engravidou de Martha porque teve uma grave depressão após o nascimento de Freddie.

Por muito que adore estas pessoas, não as devia ter convidado ao mesmo tempo. Só o fiz por causa da novidade de ter espaço suficiente, mas o facto é que, por mais diplomatas que os meus amigos tentem ser, mais cedo ou mais tarde começam a conversar uns com os outros acerca de crianças. Richard e Pete andam atrás dos filhos como que puxados por rédeas invisíveis, com medo do chão de pedra, das escadas perigosas, das janelas de vidro do chão até ao tecto que uma criança a correr pode não ver, enquanto as raparigas enchem enormes copos de vinho branco e queixam-se baixinho, mas orgulhosas como um veterano de guerra, de como as suas vidas se tornaram aborrecidas: «Céus, a semana passada adormeci a ver as notícias das seis!» «Isso não é nada — eu adormeci com os desenhos animados!» Martha regurgita o almoço por cima da mesa de pedra, enquanto Sam consegue sujar os vidros das janelas com os dedos que previamente mergulhou em mousse de chocolate. Dou por mim a pensar que há vantagens em não ter filhos. Quero que se vão embora para poder limpar tudo.

E depois há um pequeno momento desconfortável com Mia. Está a ajudar-me a fazer a salada quando pergunta:

- J, onde guardas as colheres africanas?
- Oh, doeí-as à loja de caridade.





Olha para mim com um ar estranho.

— Fui eu que tas ofereci.

— Sim, eu sei. — Mia fez em tempos trabalho voluntário num orfanato em África e trouxe-me duas colheres para a salada talhadas à mão, feitas pelos miúdos. — Achei que não combinavam com a casa. Desculpa. Ficas chateada?

— Nem por isso — diz, com uma expressão ligeiramente aborrecida no rosto. É óbvio que ficou chateada. Mas o almoço não tarda a ficar pronto e ela esquece o assunto.

— Então, J, como vai a tua vida social? — pergunta Beth, enquanto enche o segundo copo de vinho.

— A seca habitual — respondo. Durante anos, tem sido este o papel que me atribuem no grupo: fornecer histórias de desastres sexuais que os façam sentir que ainda não deixaram completamente esse assunto para trás, ao mesmo tempo que se tranquilizam a pensar que estão muito melhor assim.

— Então e o teu arquitecto? — pergunta Mia. — Já deu em alguma coisa?

— Ooh, eu não sabia do arquitecto — diz Beth. — Conta.

— Ela gosta do homem que construiu esta casa. Não gostas, J?

Pete levou Sam para o jardim. A criança está agachada junto ao canteiro de relva, a enchê-lo de gravilha com as mãos minúsculas. Pergunto-me se é coisa de solteirona pedir-lhe para parar.

— Mas não fiz nada a esse respeito — digo.

— Bem, não percas tempo — interrompe Beth. — Agarra-o antes que seja tarde demais. — Pára, horrorizada consigo mesma. — Merda, não queria dizer...

A mágoa e a angústia rasgam-me o coração, mas digo calmamente:

— Tudo bem, eu sei o que querias dizer. Seja como for, por enquanto o meu relógio biológico parece ter entrado em *stand-by*.

— Mas desculpa. Foi muito estúpido da minha parte.

— Não sei se não é ele que está lá fora — observa Mia. — O teu arquitecto, quero dizer.

Franzo o sobrolho.

— De que estás a falar?



— Quando fui buscar o pinguim da Martha ao carro, ainda agora, vi um homem com flores a dirigir-se para a tua porta.

— Que espécie de flores? — pergunto.

— Lírios. Jane?

Corro para a porta. O mistério das flores tem andado a importunar-me desde que encontrei aquele estranho bilhete. Assim que abro a porta, vejo o ramo no degrau e o homem a dirigir-se para a estrada.

— Espere! — chamo. — Espere um pouco, por favor!

Ele vira-se. Tem mais ou menos a mesma idade que eu, talvez um ou dois anos mais velho, e o cabelo escuro prematuramente salpicado de cinzento. O rosto parece exausto e o olhar é estranhamente intenso.

— Sim?

— Quem é o senhor? — pergunto e aceno para o ramo. — Porque está sempre a trazer-me flores? Eu não me chamo Emma.

— As flores não são para si, como é evidente — responde, desgostoso. — Só trago mais porque a senhora está sempre a levá-las. Foi por isso que deixei o bilhete... para pôr finalmente nessa sua cabeça oca que não estão aí para enfeitar a sua cozinha de *designer*. — Cala-se. — Ela faz anos amanhã. Ou faria, quero dizer.

Por fim, compreendo. As flores não são um presente, mas uma homenagem. Como aquelas que as pessoas deixam no local onde ocorreu um acidente fatal. No meu íntimo, apetece-me esbofetear-me por ter estado tão absorvida a pensar em Edward Monkford que nem sequer considerei aquela possibilidade.

— Peço muita desculpa — digo. — Ela... Foi aqui perto?

— Naquela casa. — Acena para trás de mim, para o n.º 1 de Folgate Street, e sinto um arrepio a percorrer-me a espinha. — Ela morreu ali dentro.

— Como? — Compreendendo que posso parecer intrusiva, acrescento: — Quero dizer, sei que não é da minha conta...

— Depende da pessoa a quem perguntar — interrompe.

— O que quer dizer com isso?

Ele olha directamente para mim. Os seus olhos estão abertos.





— Foi assassinada. O inquérito foi inconclusivo, mas toda a gente, até a polícia, sabia que ela foi assassinada. Primeiro ele envenenou-lhe a mente, depois matou-a.

Por momentos, pergunto-me se aquilo não é um disparate, se o homem não sofre de qualquer distúrbio. Mas parece demasiado sincero, demasiado normal para isso.

— Quem? Quem a matou?

No entanto, limita-se a abanar a cabeça e a dar meia-volta, dirigindo-se para o carro.

[...]



30. *Qual das afirmações descreve melhor o seu mais recente relacionamento pessoal?*

- Mais amigos do que amantes*
- Fácil e confortável*
- Profundo e intenso*
- Tempestuoso e explosivo*
- Perfeito mas curto*

[...]





AGORA: JANE

Quando Mia se vai embora, ligo o portátil e escrevo «Elizabeth Mancari», com o objectivo de dar mais uma vista de olhos sem Mia a espreitar por cima do meu ombro. Porém, o Governante não mostra qualquer uma das fotografias que ela encontrou.

É verdade o que disse a Mia: durante o pouco tempo que ali vivi, nunca achei o n.º 1 de Folgate Street um lugar assustador. Mas agora o silêncio e o vazio parecem mais sinistros. É ridículo, claro; como ficar assustada depois de ouvir uma história acerca de fantasmas. Mesmo assim, selecciono um ambiente mais iluminado e dou uma volta pela casa para verificar... o quê? Não se há intrusos, obviamente. Mas, por algum motivo, a casa já não me faz sentir tão protegida.

Parece que estou a ser observada.

Tento afastar aquela sensação. Quando me mudei para ali, lembro-me, sentia-me no cenário de um filme. Gostava da sensação. Tudo o que aconteceu desde então foi o estúpido e malgrado sexo com Edward Monkford e a descoberta de que ele prefere um determinado tipo de mulher.

Caída ao fundo das escadas com o crânio esmagado. Sem pensar, aproximo-me para observar o local. Será que vejo o ténue contorno de uma mancha de sangue há muito lavada? Mas, como é evidente, nem sequer sei se *houve* algum sangue.

Ergo o olhar. Acima de mim, no topo das escadas, vejo algo. Um reflexo de luz que não costuma estar ali.

Subo as escadas cautelosamente, com os olhos fixos naquele ponto. Quando me aproximo, reparo na silhueta de uma pequena porta que não deve ter mais do que metro e meio de altura — um painel disfarçado na parede, semelhante aos armários escondidos no quarto e na cozinha. Ainda não me tinha apercebido da sua existência.





— Está aí alguém? — chamo. Não há resposta.

Abro a porta. Lá dentro há um armário fundo e alto cheio de artigos de limpeza: esfregonas, baldes, um aspirador, uma encradora e até um escadote extensível. Quase solto uma gargalhada. Devia ter percebido que tinha de haver um lugar como aquele no n.º 1 de Folgate Street. A empregada de limpeza — uma senhora japonesa de meia-idade que praticamente não fala uma palavra de inglês e resiste a todas as minhas tentativas de interacção durante as suas visitas semanais — deve tê-la deixado entreaberta.

O armário parece ter sido concebido para também se aceder aos outros serviços da casa. Uma parede está coberta de fios. Cabos de computador serpenteiam para as entranhas do n.º 1 de Folgate Street através de uma escotilha no tecto.

Contorno os artigos de limpeza e enfio a cabeça numa abertura. Com a luz do telemóvel consigo ver uma espécie de conduta que percorre a extensão da casa e o chão forrado com mais cabos. Conduz ao que parece ser um espaço maior, tipo sótão, por cima do quarto. Na outra extremidade apenas distingo alguns canos de água.

Ocorre-me que posso ter descoberto a solução para algo que me tem incomodado. Não conseguia obrigar-me a enviar a roupa e outros artigos de Isabel para a Oxfam juntamente com os meus livros, mas desempacotá-la e arrumá-la nos armários do n.º 1 de Folgate Street também me parecia errado. A mala está no quarto desde que me mudei para aqui, à espera que eu decida o que fazer. Vou buscá-la e empurro-a ao longo da conduta até chegar ao sótão. Pode ficar aqui em cima, fora de vista.

A luz do meu telemóvel não é muito forte, e só quando sinto algo macio debaixo dos meus pés e olho para baixo é que vejo um saco-cama enfiado entre dois barrotes. Não há dúvida de que se encontra neste local há muito tempo — está coberto de pó e sujidade. Pego nele e algo cai lá de dentro. Um par de calças de pijama de adolescente, com maçãs muito pequenas impressas no tecido. Examinoo o saco mas apenas encontro um par de meias enroladas, mesmo no fundo. E um cartão-de-visita, muito amarrotado. CAROL YOUNSON. PSICOTERAPEUTA CREDENCIADA. Uma página da Internet e um número de telemóvel.





Quando me viro, vejo que há mais coisas espalhadas por ali: latas de atum vazias, cotos de velas, um frasco de perfume vazio, uma garrafa de plástico de uma bebida energética.

Estranho. Estranho e inexplicável. Não tenho maneira de saber se o saco-cama pertencia a Emma Matthews — nem sequer quantos inquilinos estiveram no n.º 1 de Folgate Street. E, se *era* de Emma, nunca saberei que medo inexplicável fez com que ela saísse daquele lindo e elegante quarto para vir dormir aqui em cima.

O meu telemóvel toca e, neste espaço confinado, o som parece muito alto. Atendo.

— Jane, fala Edward — diz uma voz conhecida.

[...]



2. *Quando estou a trabalhar em algo não consigo descontraír enquanto não ficar perfeito.*

Concordo Discordo

[...]



ANTES: **EMMA**

Houve uma época em que o n.º 1 de Folgate Street me parecia um abrigo calmo e sereno. Agora não. Parece-me claustrofóbico e mau. Como se a casa estivesse zangada comigo.

Mas é evidente que estou apenas a transferir os meus próprios sentimentos para estas paredes nuas. São as pessoas que estão zangadas comigo, não a casa.

Isto faz-me pensar em Edward, e começo a entrar em pânico por causa da carta que lhe dei. Onde é que tinha a cabeça? Envio-lhe uma mensagem. *Por favor, não a leias. Deita-a fora.* Com a maior parte das pessoas isso seria o suficiente para garantir que a iriam ler, mas Edward não é como a maior parte das pessoas.

Contudo, isso não resolve o problema de, mais tarde ou mais cedo, ter de lhe falar de Simon, de Saul, de Nelson e da polícia. E não há maneira de o fazer sem admitir que lhe tenho mentido. Só de pensar no assunto dá-me vontade de chorar.

Ouçõ a voz da minha mãe a ralhar comigo quando, em pequena, me apanhava a mentir.

E havia também aquela cantilena que costumava recitar-me, acerca de uma menina chamada Matilda que ligou para os bombeiros tantas vezes que, quando houve mesmo um incêndio, eles não acreditaram.

*Sempre que ela gritava «Fogo!»
Eles só respondiam «Mentirosa!»
E, por isso, quando a tia regressou
Matilda e a casa tinham ardido.*

No entanto, vinguei-me. Quando tinha catorze anos, deixei de comer. Os médicos diagnosticaram-me anorexia, mas eu sabia que não tinha qualquer distúrbio alimentar. Estava apenas a mostrar





que a minha força de vontade era maior do que a dela. Não tardou muito para que a família se preocupasse freneticamente com a *minha* dieta, o *meu* peso, o *meu* consumo de calorias, se o meu dia *era* bom ou mau, se deixara de ter o período, me sentia fraca ou me cresciam pêlos claros nos braços e no rosto. As refeições arrastavam-se interminavelmente, com os meus pais a tentarem lisonjear-me ou subornar-me ou ameaçar-me para engolir só mais uma garfada. Podia inventar as dietas mais rebuscadas com a teoria de que, se encontrasse algum alimento de que gostasse, seria mais provável que o comesse. Durante uma semana, ninguém comeu mais nada a não ser fatias de maçã frita e sopa de abacate. Noutra ocasião foi salada de pêra e agrião, três vezes por dia. O meu pai sempre foi distante e indiferente mas, quando adoeci, tornei-me a sua prioridade número um. Mandaram-me a várias clínicas privadas onde conversavam comigo acerca da baixa auto-estima e a necessidade de me sentir bem-sucedida. No entanto, eu *tinha* sucesso numa coisa: não comer. Aprendi a sorrir com uma expressão fatigada mas angelical e a dizer que sabia que tinham razão e que me esforçaria ao máximo para ter pensamentos positivos acerca da minha pessoa.

Parei quando uma psicóloga mais dura me olhou nos olhos e disse que sabia perfeitamente que apenas estava a manipular as pessoas e, se não comesse a comer depressa, em breve seria demasiado tarde. Ao que parece, a anorexia altera a maneira como o nosso cérebro funciona. Sucumbimos a padrões de pensamento, padrões que emergem quando menos esperamos. Se permanecermos nesse estado durante demasiado tempo, transportamos esses padrões para o resto da vida. Como aquela velha história do vento mudar quando franzimos o sobrolho.

Deixei de ser anoréxica, mas continuei magra. As pessoas gostavam disso, descobri. Os homens, em particular, sentiam-se protetores para comigo. Julgavam-me frágil quando, na verdade, sou uma pessoa com uma determinação de ferro.

Contudo, por vezes — quando as coisas se descontrolam, como agora — lembro-me da encantadora e satisfatória sensação que me provocava não comer. Saber que, afinal de contas, era eu quem controlava o meu destino.



Tenho conseguido resistir à tentação. Mas sinto uma espécie de náusea, uma sensação de vazio no estômago sempre que penso no que aconteceu. *Temos aqui depoimentos sob juramento de alguns dos seus colegas*. Quantos? Quem mais, além de Saul? Suponho que agora nem sequer interessa. A notícia irá espalhar-se por todo o edifício.

E Amanda — uma das minhas melhores amigas — ficará a saber que o marido foi para a cama comigo.

Envio um *email* aos recursos humanos a dizer que estou doente. Preciso de me manter afastada do emprego até decidir o que fazer.

Para me ocupar, faço uma muito necessária limpeza à casa. Sem pensar, deixo a porta da frente aberta enquanto despejo o lixo. É só quando ouço um ruído atrás de mim que me viro de repente, com o coração na boca.

Vejo um rosto minúsculo e esquelético, com os olhos tão abertos como os de um macaco bebé virados para mim. É um gatinho, um pequeno siamês. Ao ver-me, senta-se no chão de pedra com um ar expectante, como se dissesse que sou responsável por encontrar o seu dono.

Quem és tu?, pergunto. Limita-se a miar. Despreocupado, deixa-me pegar-lhe. É só pele e osso e pêlo suave e macio como veludo. Assim que pego nele, começa a ronronar ruidosamente.

O que vou fazer contigo?, pergunto.

Ando de casa em casa com o gatinho ao colo. Nesta rua, ambos os membros do casal precisam de trabalhar para pagar a hipoteca ou a renda, e na maioria das casas ninguém atende. Mas, no número três, uma mulher com o cabelo ruivo encaracolado e sardas no rosto vem à porta, a limpar as mãos cheias de farinha ao avental. Atrás dela vejo uma cozinha e duas crianças ruivas, um menino e uma menina, também com aventais.

Olá, cumprimenta. Depois vê o gatinho, ainda a ronronar voluptuosamente nos meus braços. Oh, que coisa tão fofa, exclama.

Por acaso não sabe de quem é?, pergunto. Acabou de entrar na minha casa.





Abana a cabeça. Não sei de ninguém por aqui que tenha um gato. Onde mora?

No número um, digo, apontando para a porta ao lado.

No *bunker* do Führer?, pergunta com um ar de desaprovação. Bem, alguém tem de lá viver. Chamo-me Maggie Evans, já agora. Quer entrar? Posso tentar telefonar a outras mães.

As crianças aproximam-se e pedem permissão para fazer festas ao gato, mas a mãe manda-as lavar as mãos primeiro. Espero enquanto ela liga a alguns vizinhos. Três operários com capacetes das obras sobem de uma cave para a cozinha e colocam, com cuidado, algumas chávenas em cima do lava-louças. Bem-vinda ao manicómio, diz Maggie Evans quando desliga o telefone, embora, na verdade, aquilo não se pareça com um manicómio. Tanto as crianças como os operários são incrivelmente bem-educados.

Já não sei a quem mais telefonar, acrescenta. Chloe, Tim, quem fazer uns cartazes a dizer que encontrámos o gatinho?

As crianças concordam, entusiasmadas. Chloe quer saber se podem ficar com ele se ninguém o reclamar. Maggie diz com firmeza que o gatinho não tardará a crescer e a tornar-se um gato muito grande, altura em que poderia comer o *Hector*. Quem é o *Hector* é algo que nunca hei-de descobrir. Enquanto as crianças desenham os cartazes, Maggie faz chá e pergunta-me há quanto tempo moro no n.º 1 de Folgate Street.

Ao princípio não achámos muita graça à construção, confessa. É muito diferente das outras que há na rua. E o arquitecto foi tão mal-educado. Fizemos uma reunião para lhe comunicar as nossas preocupações. Limitou-se a ouvir sem dizer uma palavra. Depois foi-se embora e não fez uma única alteração. Nem uma! Aposto que é horrível viver lá.

Por acaso, é fantástico, comento.

Conheci uma inquilina que não aguentou. Só lá ficou umas semanas. Disse que era como se a casa se tivesse virado contra ela. Há todas aquelas regras estranhas, não há?

Algumas. Mas, na verdade, são bastante sensatas, digo.

Bem, eu não conseguiria viver lá. Timmy!, chama. Não uses os pratos de porcelana para pintar. O que faz, já agora?, pergunta-me.





Trabalho em *marketing*. Mas neste momento estou de baixa.

Ah, exclama. Olha para mim de soslaio, intrigada. É óbvio que não pareço doente. Depois olha, preocupada, para as crianças.

Não se preocupe, não é nada contagioso. Baixo a voz. Apenas umas sessões de quimioterapia. Deixam-me de rastos, mais nada.

De repente, apercebo-me de que se sente muito preocupada. Oh, minha querida, lamento muito...

Não se preocupe. Vou ficar bem, a sério, afirmo corajosamente.

Quando saio, com uma pilha de cartazes improvisados com a pergunta «ESTE GATO É SEU?» e o gatinho em questão nos braços, Maggie Evans e eu já somos grandes amigas.

De regresso ao n.º 1 de Folgate Street, o gatinho começa a explorar a casa, cada vez mais confiante, dando pequenos saltos de tigre pelas escadas acima até ao quarto. Quando vou à sua procura encontro-o estendido de costas na minha cama, a dormir profundamente e com uma pata no ar.

Tomo uma decisão a respeito do trabalho. Pego no telefone e ligo para o número geral.

Flow Water Supplies. Posso ajudar?, pergunta uma voz.

Pode passar-me à Helen, dos recursos humanos, por favor?

Há uma pausa, depois a directora dos recursos humanos surge em linha. Estou?

Helen, fala a Emma. Emma Matthews. Preciso de apresentar uma queixa formal contra o Saul Aksoy.